



PRÓ-SABER



**DE SONHO E
RESISTÊNCIA**

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

KATIA CRISTINA DE SOUZA NASCIMENTO

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
EXPERIÊNCIAS DE ONTEM E HOJE**

Rio de Janeiro

2017

KATIA CRISTINA DE SOUZA NASCIMENTO

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
EXPERIÊNCIAS DE ONTEM E HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Esp. Melissa Lamego

Rio de Janeiro

2017

N17a	<p>Nascimento, Katia Cristina de Souza</p> <p>Alfabetização e letramento: experiências de ontem e hoje / Katia Cristina de Souza Nascimento.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 31 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Melissa Batista Lamego</p> <p>1. Educação infantil. 2. Alfabetização. 3. Letramento. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro 09 de Novembro de 2017

KATIA CRISTINA DE SOUZA NASCIMENTO

Dedico essa monografia a Deus, pela vida que me deste. Aos meus pais, por tudo o que sou hoje. Aos meus filhos, pelo respeito, companheirismo e amor. A minha família pela amizade e união.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por me conceder o dom da vida, por ter me dado força e coragem para enfrentar os obstáculos e superar o cansaço desses três anos.

Aos meus pais, Nilo e Ana Maria, por acreditarem no meu sonho e me incentivarem na busca pelas minhas vitórias, por estarem presentes nos meus momentos.

Aos meus queridos filhos, Felipe Henrique e Geovani Henrique, por entenderem minha ausência durante todo esse processo de aprendizagem junto ao Pró Saber e por me presentear com meus dois netos, Davi e Bernardo, que são meus mais novos ouros, amores dos meus amores.

A toda minha família, pelo apoio e incentivo durante toda a realização do curso, por estarem sempre presentes em todos os meus momentos, por vibrarem com meu crescimento. Tenho muito orgulho dessa família; sou muito agradecida por fazer parte dela. Minha avó plantou em nós a raiz da união e essa árvore, chamada família, se fez forte e sólida, algumas folhas caem nos deixando saudades.

Ao Instituto Superior de Educação Pró Saber - ISEPS, pela oportunidade de concluir um sonho interrompido há 27 anos atrás.

A todo o corpo docente, pelo comprometimento e dedicação, por todo aprendizado, carinho e atenção, confiando na minha potencialidade.

A minha diretora adjunta Helena Ferreira Cid, que muito me ajudou no meu processo da monografia em meio a minhas pesquisas.

Aos meus amigos por entenderem, por vezes, meu distanciamento, por conhecerem que minha vocação continua latente em mim e; mesmo assim, continuarem ao meu lado.

Só tenho a agradecer a cada um que esteve comigo durante todos esses anos.

“Por esses momentos de agora,
vale a pena ser hoje.”
Pároco Desconhecido

RESUMO

Esse texto monográfico tem por finalidade apresentar a pesquisa sobre alfabetização e letramento. Os instrumentos metodológicos, da professora Madalena Freire, assim como os conteúdos abordados durante o curso de graduação no Pró - Saber, me possibilitaram a sensibilidade de um olhar apurado. Hoje vejo que pode haver alfabetização na Educação Infantil, de forma mais leve, sem as cobranças dos métodos do passado. A linguagem, a arte, a música e a literatura infantil são outras formas de levar a criança ao conhecimento dos textos e sua produção. Revisitei minhas experiências como aluna e como professora e pude relacionar o passado e o presente na alfabetização e na Educação Infantil. O desejo se mantém em meus 29 anos de profissão, vocação e prazer pelo ofício de alfabetizar crianças e adultos. Vale lembrar que devemos despertar o interesse de estarem sempre em busca de algo mais, onde o ensinar não vem de um só; assim, como o aprender está para todos.

Palavras-Chave: Alfabetização. Experiência. Desejo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: EXPERIÊNCIAS DE ONTEM E HOJE	12
1.1 Paulo Freire: Leitura de mundo	12
1.2 Quando e onde a criança se alfabetiza	15
1.3 Alfabetização e Letramento	16
2 MINHA EXPERIÊNCIA: DIÁRIOS DE CAMPO E MINHAS MEMÓRIAS	19
2.1 Katia começa com que letra...	19
2.2 Antônio e as escovas.	20
2.3 Luciana, Luciane e os blocos.	20
2.4 As folhas e o vento	21
3 OUTRAS LINGUAGENS: ARTE, MÚSICA, BRINCADEIRA E LITERATURA	22
3.1 Música	22
3.2 Brincadeiras	23
3.3 Literatura Infantil	25
3.4 Portadores de textos	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

MEU CURRÍCULO EM VERSO E PROSA

Meu nome é Kátia Cristina; vou dizer para você
Sou professora com muito orgulho, educar é um prazer

Já dei aula para as bonecas e também para os vizinhos,
Desde os tempos de minha infância, sonho em ter um coleginho.

Com orgulho me formei, meu sonho se realizou
Estudar nunca parei, tenho orgulho em ser professor.

Gosto de versos, de rimas, rir me satisfaz,
Alegro a criança faz tempo, hoje muitos já são rapaz.

Muitas crianças nesta vida deixaram marcas em mim
Marca de criança é doce, levarei até o fim.

Dar aulas para os adultos foi prazer e emoção
Um trabalho muito rico, com pessoas que guardarei
no fundo do coração.

Crianças ou adultos não importa, quem sejam afinal
São alunos, são queridos, criamos vínculos e isso é essencial.

Já pensei em aposentar e em minhas memórias guardar
Momentos lindos que vivi, pelas turmas do EJA, do Jardim,
pelas turmas do C.A

Não há dinheiro que pague essa tal felicidade
Ser professor é vocação, pagamento só na eternidade.

Conclui o curso de formação de professores, antigo Normal, no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, no ano de 1986. No ano seguinte, fiz o adicional em Pré-escola no mesmo colégio. Iniciei a minha carreira educacional em 1988, em um colégio particular localizado em Del Castilho.

Minha primeira turma foi uma Classe de Alfabetização, no turno da manhã. Por determinação da diretora, tive que utilizar o método da Casinha Feliz, pois, uma semana antes, eu havia feito um curso sobre ele. Não gostava desse método, pois misturava todo tipo de letras e confundia as crianças.

No segundo semestre, fui convidada para trabalhar na turma do Maternal com dezoito crianças, com idade de três anos. Naquela época era uma professora por turma, não havia auxiliares. No mesmo ano, iniciei o Curso de Pedagogia, na faculdade Castelo Branco, mas acabei interrompendo o curso no quarto período.

Trabalhei por vinte e dois anos ininterruptos, em um colégio particular, localizado próximo ao bairro do Méier. Ali atuei por muitos anos com turmas de alfabetização e Educação Infantil. No ano de 2000, comecei a trabalhar no período da noite, em Organizações Não Governamentais - ONGs, com turmas de alfabetização de jovens e adultos – EJA. Meu ciclo estava completo.

Após o fechamento do colégio, no ano de 2012, pensei em sair da área de educação; trabalhei em outra área por dois anos, mas a saudade das crianças bateu forte. Fui convidada a trabalhar na creche em maio de 2014. Cheguei procurando quadros, livros de conteúdos, cadernos...

Conheci um mundo novo, um jeito de ensinar sem cobranças, leve. Isso era para mim um recomeço com jeito de novo; fui me adaptando e me encantando. Foi por meio das educadoras da sala onde atuava que soube da existência do Pró-Saber. Elas eram alunas nessa instituição. Sou curiosa, busquei informações e hoje estou aqui, terminando minha graduação, realizando um sonho interrompido anos atrás.

Durante o Curso Normal Superior, no Pró-Saber, aprendi como funciona uma creche, os conteúdos, os instrumentos metodológicos, a importância da arte. Percebi que a alfabetização poderia ser introduzida na creche, sem as cobranças dos métodos tradicionais do passado.

Assim surgiu o meu tema “Alfabetização e Letramento: experiências de ontem e hoje.”

Esse tema é relevante, pois permitirá falar sobre o antes e o depois da minha experiência profissional: os cuidados sistematizados de ontem, que serão comparados aos cuidados de hoje. Ou seja, um cuidado para que não haja cobranças excessivas como havia no passado, nos métodos tradicionais.

O prazer de descobrir o mundo das palavras continua o mesmo. As crianças sentem a necessidade de nos mostrar o que e o quanto estão aprendendo. Isso é uma explosão de sentimentos, pois elas não conseguem guardar para si. Tinha e tenho prazer em alfabetizar, mostrar o mundo letrado, propiciar a elas o prazer em ler e escrever.

Assim também é trabalhar com Educação de Jovens e Adultos – EJA. As atitudes dos adultos são semelhantes às atitudes das crianças. Trabalhar com EJA é fascinante! Somos quase tudo; as preocupações são imensas.

Tenho muito apreço pela língua portuguesa. Essa é a origem da minha história: a paixão pelo português!!!

Tenho que ter muito cuidado, pois na Educação Infantil, a alfabetização propriamente dita não acontece ainda, as coisas são mais brandas; tudo é apresentado, sem muitas cobranças. As brincadeiras, os jogos ou o lúdico, de modo geral, são de grande importância nessa fase da vida, pois brincando também se aprende.

A questão problema a ser desenvolvida nesta monografia é compreender a alfabetização e o letramento. Será que o ato de letrar é o mesmo que alfabetizar?

Realizei uma parte da pesquisa, onde trabalho, na turma Maternal II, com crianças de três anos, no Espaço de Desenvolvimento Infantil - EDI, localizado em um bairro do Rio de Janeiro.

Através das observações, registros e memórias, instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire que fizeram parte da pesquisa, pude usar o diário de campo como fonte de reflexões e análises. Observei as crianças e busquei na memória minhas experiências do passado, sobretudo, comparando o ontem e o hoje.

Os capítulos abordados nesta monografia são: I-Alfabetização: Paulo Freire, o precursor da alfabetização, alfabetização e letramento, suas diferenças ou semelhanças; II- Minhas experiências: a importância do desenho e o desenho como escrita; III- Outras linguagens: as várias formas para se explorar a leitura, os tipos de texto que despertam na criança o prazer de ler.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: EXPERIÊNCIAS DE ONTEM E HOJE

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Paulo Freire).

1.1 Paulo Freire: Leitura de mundo

A criança usa dos sentidos para fazer essa leitura. Na creche onde trabalho, que está localizada em um bairro do Rio de Janeiro, durante a preparação dos alimentos, as crianças, ao sentirem o cheiro da comida, falam o nome dos alimentos “carne, frango, mingau” e nos sinalizam sobre o cheiro que estão sentindo. Uns dizem “oba, vou comer tudo”, outros somente identificam a comida, alguns dizem que “está gostoso” antes mesmo de experimentar, pois associam o cheiro bom ao paladar.

Ao ouvir barulhos de relâmpagos, elas falam “chuva” ou “vai chover” e vão até a janela para verificar se já está chovendo. Isso é leitura de mundo que a criança faz antes mesmo de conhecer a palavra.

Paulo Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É reconhecido internacionalmente e contribuiu para alfabetização de forma significativa, reconhecendo-a como ato de reflexão, explorando a criação, trazendo dinamismo embasado na vivência e conhecimento que a criança traz em sua bagagem. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 2011, p. 20).

Foi o precursor de uma nova forma de ensinar, diferente da silabação massificante, sem sentido, onde a criança decora mecanicamente. Deu vida às palavras chamando-as de *palavras geradoras* - palavras com significados relevantes à experiência das crianças.

Mais tarde, Paulo Freire chamou as palavras de *temas geradores*, partindo assim para uma exploração maior da palavra, para criar novas palavras, frases e pequenos textos, contextualizando o conhecimento da criança, estimulando para um desenvolvimento mais amplo, diferente da educação bancária, que é aquela em que a criança apenas recebe tudo aquilo que o professor leva para sala de aula, sem se preocupar com o conhecimento que ela já tem. O aluno, nesta concepção de educação, criticada pelo educador, é visto como uma conta vazia. O professor faz

dele um depósito de conteúdos com diálogos que favorecem sempre a posição do professor.

A proposta de alfabetização de Paulo Freire vai muito além de um método. Em sua concepção, o educador usa palavras com sentidos e significados coerentes, não só para as crianças mas também para os adultos. Diferentemente de outros métodos, que se baseiam na repetição sistematizada das palavras, ele se preocupava com a capacidade de desenvolver o pensamento com palavras do cotidiano no qual a criança / os adultos estavam inseridos. Criticava o uso de frases sem sentidos como “Vovô viu a uva”, onde as crianças, muitas vezes, nem conhecem uva ou não sabem o que significa ser avô. Essas palavras distanciam as crianças / os adultos, pois diferem de suas realidades.

Sua proposta foi substituir essas palavras sem significado, por palavras do conhecimento das crianças / dos adultos, ou seja, palavras que fazem sentido para eles, palavras como: favela, comida, vida ... Essa aproximação faz com que eles sintam-se mais envolvidos; pois, são palavras do seu cotidiano, de suas vivências. Devemos sempre ampliar o vocabulário de crianças / adultos, mas antes devemos conquistá-las, criar vínculos para transmitirmos seguranças.

Essa concepção de Paulo Freire muito me ajudou em minha prática com turmas de Educação de Jovens e Adultos, em muitas Ongs por onde fui professora de alfabetização. Usei palavras simples, com grande significado para todo o grupo. Em uma de minhas turmas, comecei com a palavra VIDA e com isso conquistei a confiança dos alunos, pois cada um falou um pouco da sua vida, de suas experiências que a vida os fez passar. Foi uma experiência muito gratificante, foram momentos de grande crescimento, tanto do grupo como meu crescimento profissional. Assim como Paulo Freire, meu objetivo era explorar suas vivências de mundo e tratá-las de forma significativa.

Meu objetivo primeiro era trabalhar a auto estima, tentar fazê-los acreditar em si mesmos, afirmando que ainda havia tempo para reconquistar, superar os traumas de uma alfabetização mal sucedida e acreditar que eram capazes.

Não me recorro de encarnar outra figura que não fosse a de professora. Minhas brincadeiras eram voltadas para o ensinar, observava minhas professoras e as imitava para minhas bonecas.

Em minha adolescência dei aula particular para meus vizinhos; depois de minhas bonecas, eles foram meus primeiros alunos. Era uma turma diversificada com alunos da antiga segunda série a alunos da quinta série.

Tenho prazer pelo meu ofício, o encantamento de menina ainda vive em mim. Sinto saudades das minhas turmas de EJA, quando recordo que o comportamento dos adultos se modificava a medida que eles descobriam o mundo das letras, conseguindo ler e escrever o próprio nome, o nome dos filhos, as palavras do seu dia a dia, as listas de compras entre outras. Eles, os adultos, ficavam mais agitados, como crianças no início da alfabetização, a descoberta do mundo letrado não os deixava caberem dentro de si. Por outro lado, ficavam mais vaidosos, sentiam prazer em se arrumar para assistirem as aulas, eram mais frequentes.

Assim como as crianças em fase de alfabetização, as crianças da minha atual turma de maternal II estão mais agitadas, pois, durante essa fase inicial da alfabetização, elas descobrem as letras e buscam saber mais e mais. Essa agitação misturada com euforia é uma coisa saudável e vai além da escola. No caminho entre a casa e a escola, elas vão falando sobre as letras que encontram nas ruas, nos comércios por todo trajeto. A creche nesse momento passa a ser vista com outros olhos. Os murais, os cartazes, tudo é novo para elas. A creche passa a ser um lugar das descobertas.

Quando chegam à sala, procuram livros e percorrem os cartazes, apontando as letras dos seus nomes, as letras que já são do seu conhecimento como as dos nomes das professoras, de pessoas da família. Elas associam as letras a objetos também e com isso não param de nos chamar, nos mostrando suas novas palavras.

Durante o curso de graduação no Pró-Saber, em muitas aulas, as lembranças de minhas turmas foram revisitadas, pois o tempo é bem distante entre as experiências do passado e a nova experiência em trabalhar em creches. Por iguais razões ainda sou impulsionada pelo desejo de lecionar.

1.2 Quando e onde a criança se alfabetiza

Não existe idade específica para alfabetizar uma criança, muitos acreditam que a alfabetização deva acontecer somente no primeiro ano do ensino fundamental. O processo da habilidade de leitura e escrita começa ainda nos primeiros anos de vida da criança. O incentivo que as crianças recebem em casa é de grande valia e muito contribui para a alfabetização. O estímulo familiar e o ambiente influenciam bastante, despertando o interesse pela leitura e escrita.

Vale ressaltar que para aprender a ler e escrever é necessário ter domínio da linguagem oral. Segundo Soares (2009), a alfabetização e o letramento devem ter sua presença na Educação Infantil.

As crianças devem ter contato com o mundo letrado, antes mesmo de iniciar a leitura e a escrita nas classes fundamentais. Elas devem conhecer o sistema alfabético e as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, o letramento. O reconhecimento da importância de uma Educação Infantil de qualidade é um dos fatores que irá assegurar as habilidades básicas para a alfabetização.

As crianças estão em contato com a escrita, quando cantam e brincam com a sonoridade das palavras; por meio das rimas elas percebem as diferenças entre as palavras. O professor é o escriba, quando as crianças elaboram textos coletivos.

Conviver com adultos alfabetizados, pais que apresentam aos seus filhos o mundo atual da informatização, com acesso a computadores, celulares, faz dos filhos, crianças letradas.

Os livros infantis, quando apresentados às crianças, despertam a curiosidade e a imaginação. Existe diferença entre ler e contar histórias. Há mais liberdade, ao se contar uma história sem o livro; emoções são usadas e despertadas, quando altera-se o enredo ou insere-se pessoas e outros personagens na história. Diferente de ler um livro, respeitando os conteúdos existentes nele. Antes de ler ou contar não se pode esquecer que o principal objetivo, é despertar o prazer e o desejo nas crianças.

Outros materiais como lápis, papel e gibis também devem ser ofertados para as crianças. Esses materiais irão aguçar o interesse pela leitura e escrita, e para ofertá-los não é preciso ter idade. Ensinar a criança a reconhecer o próprio nome, os sons das letras, é a base da alfabetização, chamamos isso por *conhecimento alfabético*.

O contato com as letras por meios de jogos, de cartazes ilustrativos espalhados pela sala deve acontecer de maneira prazerosa para as crianças. A brincadeira deve estar inserida nesse contexto inicial de alfabetização. O interesse pelas letras deve partir da criança, deve acontecer naturalmente, sem imposição. Sendo assim, cabe ao professor estimular para a aprendizagem, sem forçá-la e sem esquecer que cada criança tem seu tempo próprio para desabrochar. O professor deve respeitar esse momento da criança.

1.3 Alfabetização e Letramento

Designa-se por **letramento**: do inglês **literacy**: **letra** - do latim **littera**, e o sufixo **mento**, que denota o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. O mundo letrado acontece antes da entrada das crianças nas creches, elas já trazem uma bagagem de conhecimento de mundo.

Alfabetização: ação de alfabetizar. É o caminho pelo qual se adquire o conhecimento do código alfabético, sons e letras, e a construção da gramática.

Letramento: resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e da escrita.

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade” (SOARES, 2006, p. 39).

Com a língua portuguesa estamos sempre aprendendo e ampliando nossos saberes, pois devemos estar atualizados com o mundo em que vivemos. A preocupação em falar e escrever corretamente implica em algo que nos remete a um leque de saberes: o ouvir, o falar, o aprender a escrever, o escrever corretamente e o falar corretamente.

O educador tem a missão de despertar em nossas crianças o interesse de estarem sempre em busca de algo mais. A aprendizagem é algo constante que nos percorre todo o tempo, seja de forma sistemática ou não. Alfabetizar e letrar são tarefas a serem desenvolvidas simultaneamente nas classes de alfabetização.

Apresentar sons e letras para as crianças, sua relação com as palavras e frases, isso pode acontecer durante a Educação Infantil, estar em contato com a literatura infantil, despertar textos produzidos pelas crianças, são estímulos à leitura.

Os diferentes gêneros textuais desenvolvem na criança o hábito de ler e escrever, facilitam também o professor, que, gradativamente, vai apresentando às crianças, outros materiais, outros tipos de linguagem presentes em jornais, revistas gibis, entre outros.

Segundo Soares (2006), o indivíduo não precisa ser alfabetizado para ser letrado. Se ele tem interesse por notícias, jornais, revistas; consegue se expressar, contextualizando as notícias do dia a dia; vive no meio onde a leitura e a escrita ocorrem fortemente; ele é considerado uma pessoa letrada.

A construção da escrita é um processo onde ocorrem interações sociais vivenciadas pelas crianças. É na interação com os adultos que elas vão se construir na leitura e na escrita tornando-se assim sujeitos autores. A educação passa por mudanças; devemos atualizar nossos conhecimentos e práticas. O letramento vai para além da codificação e do reconhecimento dos sons das letras.

A Provinha Brasil, tipo de avaliação aplicada duas vezes ao ano, na rede de ensino, vem comprovar que, embora a criança esteja escolarizada, ela tem um grau insatisfeito de letramento. A criança lê, mas não consegue interpretar, não é capaz de compreender sobre o que está lendo, sofrendo restrições, pois a falta de compreensão gera dificuldades de aprendizagem em relação aos textos e também a outras disciplinas.

Já atuei aplicando a Provinha Brasil em uma escola municipal no bairro de Bangu. Uma criança se aproximou de mim, me entregou a prova e perguntou qual era o nome da minha mãe? Respondi que o nome da minha mãe era Ana. Ela sorriu por eu ter respondido. Voltou a sua mesa, fui até ela e perguntei porque queria saber o nome da minha mãe, se nem me conhecia. Ela disse que na prova estava escrito assim: escreva o nome da sua mãe. Tentei de outras formas explicar; voltei à mesa e verifiquei que essa questão na prova dela estava em branco. Percebi que no sentido da frase, o “sua” para ela era relativo a outra pessoa e não a ela.

mas também de letrar.

isso e, oferecer às crianças vários tipos de letramentos, materiais modernos como a

internet, blogs, materiais lúdicos e brincadeiras que auxiliam a leitura, tornando o aprendizado mais natural e prazeroso.

A criança torna-se letrada através de diferentes instrumentos sociais de comunicação e dos textos da sua vida cotidiana, como sinais de trânsito e mapas, que são ferramentas primordiais para a inserção das crianças no mundo. Conseqüentemente, o educador pode alfabetizar letrando, formando cidadãos construtores sociais, agentes formadores de suas próprias autorias.

Enquanto atuava com turmas de EJA, Paulo Freire fazia parte do meu planejamento. Eu valorizava o conhecimento dos alunos e isso fazia com que eles se sentissem ativos produtores de conhecimento, tornavam-se mais presentes. Aprendi muito com eles. Muitos eram retirantes do Norte e Nordeste. Conheci muitas histórias e casos, pesquisei frutas que não eram do meu conhecimento, assim como plantas e suas utilidades. Foi uma troca muito interessante, pois, a partir da fala deles, eu as usava em meus planejamentos. A vida deles no alto do morro foi motivo de exploração de muitas palavras, assim, eles se sentiam autores das aulas. Era uma construção coletiva.

2 MINHAS EXPERIÊNCIAS: DIÁRIOS DE CAMPO E MINHAS MEMÓRIAS

“Viver é desenhar sem borracha”.

(Millôr Fernandes)

Em minha turma de Maternal II, as crianças com cerca de 3 anos estão no momento das descobertas. Já conhecem os próprios nomes desde o ano passado. Mas, só agora, conseguiram dar mais sentido e significado aos próprios nomes. São capazes de identificar as letras iniciais e associar ao nome dos amigos, procuram as iniciais dos seus nomes no alfabetário, que fica exposto na sala e na altura delas. Registre algumas observações durante a rotina que me chamaram a atenção. Meu horário é intermediário e, quando chego à sala, a roda de conversa já aconteceu. A chamada também é feita logo após a entrada e não participo desse momento. No início deste segundo bimestre, em maio, os nomes das professoras foram acrescentados aos nomes das crianças.

2.1 Katia começa com a letra...

Certo dia, a professora perguntou de quem eram aqueles nomes, se o nome de todas as crianças já estavam na parede. Depois de muito pensarem, as crianças associaram o nome das duas professoras, que começam com R, da mesma forma que o nome de duas crianças, e o meu nome, que começa com K, como o de outra criança.

Eu não estava em sala, quando isso aconteceu, mas, assim que entrei, um menino, daqueles que consideramos dos mais distraídos, olhou para mim e falou: “Katia, seu nome está aqui, olha, vem ver!”

Assim foi que, de um instante para o outro, toda a turma queria me mostrar qual era o meu nome. As crianças foram me dizendo todos os nomes que estavam na chamada; foi um empurra-empurra, pois todos queriam me mostrar ao mesmo tempo.

Isso acabou virando rotina. Todos os dias, uma criança pára para me dizer onde meu nome está na chamada e se está embaixo, em cima ou ao lado de quem.

2.2 Antônio e as escovas

Durante o início do segundo semestre, em agosto, enquanto eu trocava as escovas das crianças, Antônio se aproximou de mim e perguntou: - Kátia, o que você está fazendo?

Perguntei o que ele achava que eu estava fazendo.

Ele disse: - Essas escovas são novas? Você está escrevendo o nome de quem?

Ele falou: - Essa é a letra do meu nome, mas não é meu nome?

Perguntei: - Quem, aqui na sala, tem o nome com a letra igual a letra do seu nome?

Ele respondeu: - Anita¹, Ana Clara não é, porque ela tem dois nomes, né? Angela também não é...

De repente, ele gritou!!! - Já sei! Essa escova é do Alexandre, sabia que era Alexandre, porque tem a letra X do triplo X.

Antônio continuou ao meu lado e, à medida que eu escrevia, ele ia falando o nome dos colegas. Depois, foi separando as escovas, colocando as escovas das meninas de um lado e as dos meninos do outro. Contou as escovas e disse que havia muito mais meninas que meninos. Continuei instigando-o, fazendo agora perguntas voltadas para o campo da matemática.

2.3 Luciana, Luciane e os blocos

Em setembro, chegou uma nova aluna e seu nome é Luciane. Ela veio de outra creche, é miúda e bem esperta. E, Luciana é uma criança que está na creche desde o berçário e é a mais alta da sala.

Um dia, distribuímos blocos com letras e pedimos para que algumas crianças pegassem o nome na chamada e sentassem nas cadeiras para montarem seu nome com os blocos.

Luciana e Luciane sentaram-se uma ao lado da outra. Luciane percebeu a semelhança dos nomes e ficava esperando Luciana pegar as letras. Assim que Luciana se distraía, Luciane pegava as letras e começava a montar seu nome.

Luciana reconstruía seu nome desconfiada e Luciane continuava a pegar as letras. Assim, pegou todas as letras do nome da Luciana, até que esta se levantou para falar conosco o que estava acontecendo. Em seguida, Luciane falou: - Pronto, já acabei.

¹ Os nomes citados são fictícios para preservar as crianças.

Fui até a mesa e falei sobre os nomes serem parecidos, com as letras quase todas iguais e que só a última era diferente.

2.4 - As folhas e o vento.

Um dia, o vento forte espalhou as folhas das árvores que ficam próximas à creche, que ficou cheia de folhas. As crianças ficaram agitadas olhando pela porta de vidro. Após o vento parar, abrimos a porta do solário e levamos as crianças para ver as folhas espalhadas. O contato com as folhas foi muito importante para todos. Fechamos nosso planejamento e fomos explorar as características das folhas. As crianças olharam para as árvores e perceberam que poucas folhas ficaram. Uma delas disse: nas árvores só ficaram as folhas verdes.

Recolhemos as folhas em um saco de lixo, espalhamos na sala e continuamos a observar tamanhos, cores, espessuras e as colocamos dentro de uma caixa. Após o lanche, distribuimos um papel e cada criança desenhou sua árvore e folhas. Fizemos vários trabalhos com as folhas secas. Os desenhos das crianças foram fixados na parede da sala. Pedimos que elas trouxessem outros tipos de folhas e no dia seguinte fizemos um registro coletivo.

Vale ressaltar que é muito importante que haja flexibilidade no planejamento e que os espaços em torno da creche sejam explorados.

Figura 1 -- As folhas do quintal



Acervo da Autora

3 OUTRAS LINGUAGENS: arte, música, brincadeiras e literatura

A criança tem uma mentalidade semelhante à do artista, pois ambos ingressam facilmente no universo do faz de conta, aplicando o dom de fantasiar a tudo e fingindo que algo é, na verdade, alguma coisa bem diferente. Assim, um mero traço pode se converter no telhado de uma casa.²

Arte é vida e tem uma função primordial na educação da criança, por inserir valores, movimentos, conhecimento de mundo e linguagem. Existem várias formas de linguagem como dança, pintura, teatro, escultura, música que também fazem parte da arte e que vão tocar seus sentimentos e sua sensibilidade.

A arte, a música e os jogos, também a dança e o teatro são fundamentais na Educação Infantil e, durante o período de alfabetização, podem contribuir muito para o ensino/aprendizagem e para a formação do ser humano. A necessidade da arte é a necessidade da mente e do corpo em criar e liberar desejos internos, até mesmo inconscientes. Sendo assim, a arte tem grande importância na vida da criança.

Cada obra é singular e sua interpretação cabe a cada um. A criança é verdadeira sempre; socializa sobre o que vê em relação à arte, dando asas a sua imaginação. Um simples objeto aguça as crianças e as instiga a criar. A argila, por exemplo, faz dos pequenos, grandes artistas com seus feitos.

Na Educação Infantil, o desenho das crianças nem sempre é visto como belo, pois os rabiscos nem sempre tem seu valor reconhecido. A criação da criança deve ser valorizada, pois os rabiscos representam muito para elas. Ali está sua expressão em relação aos sentimentos. Através das cores e dos traços as crianças se comunicam. O professor em sua sensibilidade deve proporcionar formas que as tornem capazes de:

- explorar diferentes possibilidades de combinação de materiais; conhecer as transformações provocadas pelas misturas;
- utilizar diferentes materiais com o uso de lápis, pincéis, entre outros;
- vivenciar momentos que envolvam apreciação de produções artísticas;
- desenvolver e despertar a sensibilidade artística, por meio de diferentes obras de arte;
- estimular situações que possibilitem a ampliação da criatividade.

² <https://www.infoescola.com/artes/arte-na-educacao-infantil/> Acesso em 6 de Nov 2017.

3.1 Música

Conforme o RCNEI (1998), as atividades musicais direcionadas às crianças de 0 a 3 anos devem objetivar a audição de diferentes tipos musicais, visando o desenvolvimento da percepção, da discriminação dos sons, da imitação e reprodução de sons e da invenção e criação de enredos musicais. Já em relação às crianças de 4 a 6 anos, pretende-se que explorem e identifiquem elementos da música para que se expressem, interajam e ampliem seu conhecimento de mundo, através da improvisação, interpretação e até composição de enredos musicais. Os conteúdos, dentro da Educação Infantil em relação à música, devem respeitar os níveis de percepção e o desenvolvimento das crianças.

Na Grécia Antiga, a música era considerada essencial para a formação do cidadão, por ter o poder de integrar aspectos sensíveis, afetivos, estéticos, cognitivos e de comunicação social. Segundo Alencar³:

música é uma palavra de origem grega - vem de musiké téchne, a “arte das musas” - e se constitui, basicamente, de uma sucessão de sons, entremeados por curtos períodos de silêncio, organizada ao longo de um determinado tempo. Assim, é uma combinação de elementos sonoros que são percebidos pela audição.

Até os três anos de idade, as crianças exploram todo tipo de som e tentam reproduzi-los, balbuciando ou imitando a fala dos adultos. Para que a criança desenvolva as habilidades de audição e de fala, é importante que o diálogo aconteça entre ela e o adulto, desde os primeiros anos de vida.

As crianças sacodem, batem e jogam objetos no chão afim de ouvirem os sons. Começam a conhecer ruídos, e tentam imitá-los. Rosa (1990, p. 19) identifica a música como “uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir”.

O professor que trabalha sons, movimentos e gestos desperta o desenvolvimento motor e cognitivo de seus alunos.

³ Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica---origem-sons-e-instrumentos.htm>>. Acesso em: 7 Nov. de 2017.

Em minha sala de aula as músicas estão presentes na rotina e como atividades também. A música é atividade que acalma e acalanta, quando as crianças estão muito agitadas. Durante a hora do sono, a música age como instrumento embalador. O descanso é importante para as crianças e a música tranquiliza. Entre os brinquedos que estão na sala, existe um microfone e somente um menino faz uso dele. Ele larga os carrinhos e outros brinquedos e não solta mais do microfone, cantando os hinos evangélicos da igreja onde vai com sua avó. De posse do objeto, ele se acha o pastor, anda de um lado para o outro, balança a cabeça, põe a mão na testa das outras crianças e de nós adultos, imitando o pastor da igreja.

3.2 Brincadeiras

A brincadeira desenvolve a fala na interação com o grupo e isso faz com que a criança incorpore novos conhecimentos, possibilitando assim a construção de sua personalidade. Alguns autores se dedicam ao estudo sobre a brincadeira:

Vygotsky (1987), por um lado, destaca a contribuição social proporcionada por essa atividade. O brincar é uma característica muito forte na infância da criança.

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras (VYGOTSKY, 1987, p. 72).

Desde muito cedo, próximo aos dois anos de idade, o faz de conta se faz presente na vida da criança. O aparecimento da linguagem e a representação estão latentes em sua vida. Elas brincam em grupo e seus pares são muito importantes, pois a brincadeira em grupo vai gerar negociações e ações entre as crianças.

O jogo simbólico é uma das características dessa fase. A criança imita, brinca de faz de conta e revive situações, representando-as de acordo com as observações que faz do seu cotidiano. Com o próprio corpo, ela passa a ser um animal ou se transforma em outras pessoas, finge ser personagens infantis, entre outros. É comum que conversem com as bonecas ou outros objetos imaginários.

Pelo jogo simbólico a criança exercita ainda suas habilidades físicas e motoras pois, pula, corre, manipula objetos, equilibra-se. Usa objetos como se fossem outras coisas, usa o chinelo como celular...

Enquanto professora observadora, disfarço meu olhar para não interferir nas brincadeiras. Após observar, faço algumas intervenções instigando para que falem sobre suas brincadeiras. Às vezes, sou convidada a brincar com as crianças. Tenho que colocar bonecas para dormir, tomar cuidado com o cachorro, passo a participar das brincadeiras, respeitando as regras que elas determinam: sou filha, professora da boneca, médica, juíza de futebol... As crianças ordenam minha fala, elas reproduzem a forma como agimos com elas. Desse modo, devemos sempre lembrar que somos modelos e nossas atitudes vão deixar marcas nas crianças.

Devries (1992) baseada em Piaget trata da contribuição do jogo simbólico para o desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional. Ele considera que a interação sujeito-objeto é que vai construir a inteligência da criança que ocorre, em vários estágios:

- Sensório Motor
- Pré-Operatório (Sub estágios do Pré-Operatório)
- Simbólico (2-4 anos)
- Intuitivo global (4-5 anos)
- Intuitivo articulado (5 -7 anos)

Entre 6 e 7 anos, o lápis é reconhecido na função de escrever, pois os esquemas já foram construídos para a produção da escrita. Durante o processo de alfabetização, os jogos e as brincadeiras aparecem como facilitadores no ensino aprendizagem. Os jogos, como instrumento pedagógico, auxiliam o professor, já que a criança, em sua esfera afetiva, aprende brincando.

Por meio do jogo simbólico, a criança representa sentimentos e preocupações que a incomodam na sua realidade. Cria um mundo imaginário para expressar o que não consegue verbalizar.

3.3 Literatura Infantil

Há muito tempo, as crianças eram consideradas mini adultos. As obras literárias eram voltadas aos adultos, sem a menor preocupação com elas. Atualmente a literatura infantil ganha cada vez mais destaque e existe uma atenção voltada para o público infantil.

A leitura para a criança estimula o pensamento e o imaginário, desenvolvendo a oralidade, pois a criança, quando estimulada a ouvir histórias, desenvolve o pensamento, ampliando assim também seu vocabulário, organizando suas ideias, tornando-se capaz de opinar sobre os fatos, criando um senso crítico sobre o que ouviu ou leu. Devemos ler bastante para as crianças; é também através da leitura de textos que elas vão expressar seus sentimentos, suas emoções...

Cabe à família, também, estimular o gosto pela leitura. Esse não é papel exclusivo da escola. Ler para as crianças é propiciar a elas um momento de encantamento. Narrar fatos onde elas conheçam os personagens, inseri-la nas histórias, pedir que recontem o que ouviram, perguntar sobre o que mais gostaram, criar diálogos de acordo com o que ouviram, é muito valioso para elas. O acesso aos livros deve ser garantido desde cedo.

Os gêneros variados - as poesias, os poemas, os contos de fadas, as rimas, o humor, as fantasias - devem ser apresentados às crianças, pois, além de ampliar o conhecimento e o vocabulário, permitem que tenham liberdade em suas escolhas. Despertar o interesse e o hábito de ler, é desenvolver também o desejo pela escrita, incentivando que sejam escritores de suas próprias histórias, sujeitos ativos em suas aprendizagens.

As histórias trabalham sentimentos, despertam desejos, medos, curiosidades, alegrias e tristezas que nortearão vários assuntos. Através das histórias, a criança amplia seus conhecimentos e viaja no mundo mágico do faz de contas.

Quando a criança ouve é capaz de questionar, indagar, perguntar várias vezes, discutir, responder, adquirir mais reflexão, ser mais crítica, facilitando assim sua interpretação sobre textos em geral, podendo torná-la um adulto leitor.

3.4 Portadores de textos

O portador de texto é o caminho que conduz a narrativa e a ilustração. É um objeto que carrega um registro escrito, como revistas, jornais e gibis. Os portadores devem ser apresentados às crianças já na Educação Infantil, de modo que elas possam ter acesso aos mesmos, sendo atraídas pelas ilustrações e coloridos que ali estão registrados.

Em minha turma, procuro pesquisar sobre o tipo de material que ofertarei às crianças. Os gibis são os mais procurados, pois as gravuras são diversas e os movimentos apresentados em quadrinhos fazem com que elas se apropriem da leitura, relatando o que estão vendo. São capazes de sequenciar os fatos, de forma a socializar seu entendimento, ampliando seu vocabulário, desenvolvendo sua oralidade, sua alteridade.

É primordial que mesmo que as crianças tenham suas preferências, outros tipos de textos sejam oferecidos. Costumo fazer isso para que assim possam conhecer e explorar, percebendo tamanhos, texturas, novas figuras, fotografias, imagens, e letras, utilizando também materiais como tesoura, cola, fazendo rasgaduras, ampliando sua aprendizagem e desenvolvendo sua coordenação motora.

Logo, as revistas e os jornais são mais explorados no sentido do recorte e da colagem, na procura de gravuras e letras que pesquisam para a identificação e formação dos seus nomes.

O objetivo principal no uso dos portadores de textos é despertar o gosto e o prazer pela leitura, sabendo identificar os mesmos, fazendo com que os conteúdos e as imagens estejam fundamentados na sistematização dos instrumentos metodológicos.

No trabalho com textos informativos, o uso do jornal é também muito frequente em turmas de jovens e adultos, pois facilita o desenvolvimento da leitura e da escrita, possibilitando o letramento, pois há uma função social.

O aluno poderá ser capaz de: criar o hábito de leitura; identificar as características dos textos; desenvolver habilidades de leitura e de escrita; produzir notícias para murais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido nesta monografia teve como tema central “Alfabetização e Letramento: experiências de ontem e hoje”.

Alfabetização e letramento caminham juntos, antes e durante a alfabetização das crianças. A alfabetização foi o motivo da minha inspiração para realizar a pesquisa, apropriar-me de aprendizagem e conhecimento mais apurados. Minha experiência colaborou bastante para a escolha do meu tema.

Alfabetização é ação de alfabetizar. É o caminho pelo qual se adquire o conhecimento do código alfabético, sons e letras, e a construção da gramática. Ao fazer escavações em minhas memórias pude recordar bons momentos que me levaram a fazer uma avaliação e reflexão sobre o aprendizado de ontem e hoje.

Minhas pesquisas foram embasadas nos instrumentos metodológicos de Madalena Freire, onde a observação e o registro foram significativos durante todo esse processo de pesquisa. Minha experiência profissional como professora também foi relevante para elaboração desta monografia, minha memória fez parte desse processo e através da pesquisa realizada, pude perceber que é possível sim iniciar a alfabetização na Educação Infantil, pois a criança já é um ser letrado, já traz consigo uma bagagem de conhecimento de mundo.

Entendi que o brincar é essencial para que a alfabetização ocorra de forma leve, sem cobranças, pois o processo da habilidade de leitura e escrita começa ainda nos primeiros anos de vida da criança.

Em minhas observações com minha turma de maternal II pude perceber que as crianças estão em contato com a escrita, quando cantam, brincam com a sonoridade das palavras. Por meio das rimas elas percebem as diferenças entre as palavras, seu nome é a partida inicial para as descobertas da escrita. A criança, associa a letra do nome a outras marcas e rótulos que a cercam no seu cotidiano e é capaz de reconhecê-la em outro espaço que não seja o espaço escolar. Isso é leitura de mundo que a criança faz no seu dia a dia.

Isso vem ao encontro do meu aprendizado junto ao Pró Saber. Ao longo do curso, na disciplina de prática metodológica, ouvi que o nome é o nosso ouro, nossa marca, nossa identidade, esse é o interesse das crianças por ser algo pessoal e significativo, existe uma história em nossos nomes. Falamos também sobre a importância do ato de desenhar, onde pelo desenho a criança expressa suas

emoções, suas alegrias, tristezas, nos sinaliza sobre algo que está afetando-a no momento. Logo, o desenho é a primeira escrita representativa da criança, assim dizia a professora Madalena Freire durante as aulas.

No processo de pesquisa compreendi que o hábito de ler, coisa que faço em minha prática, com os livros infantis, é momento valioso, desperta a curiosidade e a imaginação da criança. O contato com as letras por meio de jogos, de cartazes ilustrativos espalhados na sala de aula, todo esse material, entre outros, auxilia; devo ser mediadora nesse processo que possibilita o interesse e as descobertas nas crianças.

Ao longo da minha trajetória sempre fui precavida quanto a minhas atitudes, pois sou modelo e quero deixar marcas positivas em minhas crianças, da mesma forma que meus professores deixaram em mim. Enquanto educadora devo ser uma pesquisadora, e estar sempre avaliando meu trabalho; tenho a missão de despertar em minhas crianças o interesse de estarem sempre em busca de algo mais, assim como estou em constante procura.

Lembrar que um dia pensei em sair da área de educação. Quando sonhei em me aposentar, conheci o Pró- Saber. Fazer um memorial foi uma retrospectiva de toda minha vida como educanda e educadora. Tudo para mim era novo: a creche e o Pró-Saber. Cheguei a todo vapor.

Escrever para mim nunca foi maldição como dizia Clarice Lispector, sou apreciadora da língua portuguesa, por isso todo meu encantamento com as disciplinas de oficina de leitura e escrita. Com a língua portuguesa estou sempre aprendendo e ampliando meus saberes, pois preciso estar atualizada com o mundo em que vivo. A preocupação em falar e escrever corretamente implica em algo que me remete a um leque de saberes.

Ouvir, falar, aprender a ler, escrever corretamente e falar corretamente, essa é minha função enquanto educadora. Tenho anos de memórias e ainda colecionarei muitas mais. Uma nova parte da minha história construí aqui no Pró-Saber. Aqui deixo minha marca, minha contribuição em prol da educação.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Valéria. **Música origem sons e instrumentos**. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica---origem-sons-e-instrumentos.htm> Acesso em: 6 de Nov. de 201-.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 10 Nov. 2017.
- CHAGAS, Cristiane. **Arte e educação: a contribuição da arte para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental**. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/CRISTIANE%20SANTANA%20CHAGAS.pdf>>. Acesso em: 6 de Nov. de 2017.
- DEVRIES, Constance Kamii Rhenta, **Piaget para a educação pré-escolar**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1992.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três capítulos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Política e educação**: São Paulo, Cortez, 2001.
- ROSA. Nereide Shilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**: Rio de Janeiro: Editora Ática, 1990
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.
- SANTANA, Ana. **Arte na Educação infantil**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/arte-na-educacao-infantil/>> . Acesso em: 06 Nov. 2017.
- VIGOTSKY, Lev. Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.